



DA RECONCILIAÇÃO À EXECUÇÃO DA MISSÃO (Ex 4,27-31)

From reconciliation to execute the mission (Exodus 4,27-31)

Leonardo Agostini Fernandes*

RESUMO: Os episódios contidos em Ex 4,27-31, à diferença do que foi narrado no texto precedente (Ex 4,24-26), direcionam o ouvinte-leitor para os remanescentes da família de Moisés e, por ela, para os filhos de Israel. Tem início a execução dos planos de libertação traçados pelo próprio YHWH, pelo reencontro de Moisés com Aarão e destes com os anciãos e os filhos de Israel. O Deus, que parecia distante, revela-se muito próximo para resgatar e ocupar, na vida do seu povo, o lugar que o Faraó quis arrogar para si. A notícia resultou em um ato cultual. Da leitura e abordagem sincrônica emergem elementos que favorecem a percepção e a compreensão da mensagem bíblico-teológica úteis para a aplicação sócio-pastoral.

PALAVRAS-CHAVE: Antigo Testamento, Êxodo do Egito, Missão, Vocação, Salvação

ABSTRACT: The episodes contained in Ex 4,27-31, in contrast to what was described in the preceding text (Ex 4, 24-26), direct the listener-reader to Moses's reminiscent family and, through them, to the children of Israel. Begins the execution of liberation plans outlined by the YHWH, through the meeting of Moses with Aaron and those with the elders and the children of Israel. God, who seemed distant, proves to be very near to rescue and occupy, in the life of his people, the place that Pharaoh wanted to arrogate for himself. The news resulted in a cultic act. From this reading and synchronic approach emerge new elements that favor the perception and understanding of biblical-theological message, helpful for socio-pastoral application.

KEYWORDS: Old Testament, Exodus from Egypt, Mission, Vocation, Salvation.

* Diretor e professor de Sagrada Escritura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Artigo submetido a avaliação em 17.07.2014 e aprovado para publicação em 18.12.2014.

Introdução

Ex 4,27-31 aparece colocado de forma estratégica na narrativa. Por ele se realiza a promessa de que Moisés seria coadjuvado por seu irmão (Ex 4,14-16). É uma promessa ou uma profecia que se cumpre. Concede a Moisés a primeira certeza de que a sua vocação e missão correspondem à experiência que fez do Deus do seu pai, que lhe revelou o seu Nome, no monte Horeb (Ex 3,7.14-15). Se Moisés se tornará o porta-voz de YHWH, isto é, o profeta do face a face, ele, por primeiro, necessitou experimentar a eficácia da presença e da ação de quem se tornou embaixador. O que YHWH cumpre para Moisés prenuncia o que começou a cumprir para todo o seu povo.

Ex 4,27-31 é um texto repleto de movimento: de YHWH a Aarão (ordem: vai ao encontro), de Aarão a Moisés (obediência: andou, encontrou e beijou), de Moisés a Aarão (comunicação: narrou todas as palavras e mostrou os sinais), de Moisés e Aarão aos anciãos (obediência: andaram e reuniram), de Aarão [e Moisés] a todo o povo (comunicação: falou todas as palavras e fez os sinais) e, enfim, de todo o povo a YHWH (adoração: ajoelharam-se e se inclinaram).

Com este episódio, a comunicação entre o monte de Deus e o Egito, isto é, entre YHWH e o Faraó se estabelece através dos mediadores, Moisés e Aarão. “Na pessoa do seu soberano, o Egito entra na história sagrada como representante do poder opressor e, pelo papel que desempenha na narrativa, termina por se tornar um símbolo” (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 60). Na pessoa dos mediadores da ação libertadora de YHWH, a história sagrada recebeu um caráter fundamental que se tornou tema, motivo e argumento em diversos textos tanto do Antigo como do Novo Testamento. O conteúdo dessa comunicação é claro e objetivo: deixa meu povo partir para que me sirva (Ex 3,12; 5,3). Com isso, o ouvinte-leitor começa a perceber que o processo de libertação, apesar de ser gestado no íntimo dos que gritaram por ajuda (Ex 2,23-25), surge como uma iniciativa que vem de fora e do próprio Deus. Uma pergunta se impõe: Se a opressão não tivesse se instalado, teriam os filhos de Israel gritado por libertação?

O presente estudo está articulado em sete partes: contextualização, delimitação, tradução do texto em hebraico, estrutura do texto e da narrativa, comentário ao texto e considerações finais, propondo uma possibilidade de atualização da mensagem.

Contexto

a) Contextualização do episódio

Ex 4,27-31 liga-se, no contexto precedente, a Ex 4,14-17; com o que foi prometido por YHWH: Aarão viria ao encontro de Moisés e lhe serviria

de porta-voz; liga-se ainda ao clamor dos filhos de Israel (ação), em Ex 2,24-25, e à resposta de YHWH, que visitou o seu povo (reação), em Ex 3,7.16. Contudo, o encontro com Aarão inverteu a ordem, pois, inicialmente, o primeiro encontro deveria ser entre Moisés e os anciãos (Ex 3,16). A relutância de Moisés justifica a inversão, pois Aarão foi uma solução de YHWH para convencer Moisés. Entretanto, quanto ao contraste, liga-se, no contexto subsequente, à primeira conclusão negativa de Moisés, na qual questiona YHWH que ainda não libertou o povo (Ex 5,22-23). Além disso, Ex 5,21 apresenta um protesto dos filhos de Israel que também contrasta com a fé na ação libertadora de YHWH em Ex 4,31.

O verbo “ver” (*rā’āh*) é atribuído a YHWH, como expressão do conhecimento que Ele possui a respeito do que se passa com o seu povo no Egito. Fica claro que as palavras de YHWH se concretizarão, pois desde Ex 2,23-25 nada está oculto ao Deus do Sinai, que se revelou a Moisés e que move Aarão ao seu encontro.

Os relatos sobre o nascimento, a infância e a vida de Moisés no palácio são muito breves e não oferecem riqueza de detalhes (Ex 2,1-10.11-15.16-22). Os relatos afirmam que Moisés, quando fugiu do Egito, para salvar a sua vida, foi parar em Madiã (Ex 2,15)¹, que aos oitenta anos, reencontrou seu irmão Aarão, mais velho que ele três anos, quando, juntos, foram ter com o Faraó (Ex 7,7), e que conduziu o povo pelo deserto durante quarenta anos, até morrer, ainda com vigor, aos cento e vinte anos (Dt 34,7).

O ouvinte-leitor, graças à impertinente relutância de Moisés diante do chamado e da missão que recebeu de YHWH, ficou sabendo que ele tinha um irmão, chamado Aarão. Até o presente momento da narrativa não havia alguma notícia a respeito dele, bem como sobre a sua vida e o que fazia no Egito. Ex 4,14 é a primeira referência bíblica sobre Aarão e ela surge no contexto da manifestação de YHWH a Moisés e das tratativas para convencê-lo a regressar ao Egito. Pode-se considerar que fosse um dos anciãos dos filhos de Israel.

O nome Aarão, cujo significado é incerto (BOCIAN, 1991, p. 67), é muito usado no livro do Êxodo, do Levítico, dos Números e em 1-2 Crônicas, o que permite concluir que essa ênfase advém da tradição sacerdotal. A confirmação é dada pelo livro do Deuteronômio que cita Aarão somente três vezes. Na primeira, para lembrar que Moisés teve de interceder por ele (Dt 9,20), e, nas outras duas, fazendo memória da sua morte, para introduzir Eleazar, seu filho, como sucessor no cargo de sumo sacerdote (Dt 10,6; 32,50).

¹ Com certa probabilidade, a Madiã bíblica pode ser identificada com a zona do Hejaz, a nordeste da Arábia Saudita, sobre as margens do Golfo de Aqabá (cf. MAZZINGHI, 2012, p. 61-62).

Aarão entrou em cena não como protagonista de alguma ação, mas como um elo estratégico e político entre Moisés e a sua família e, por ela, com os anciãos e o seu povo (cf. PIXLEY, 1987, p. 51). Por Aarão, Moisés, cumprindo as ordens de YHWH (Ex 3,16.18), conseguiu se reunir com os anciãos de Israel (Ex 4,29). Aarão foi envolvido na missão libertadora como profeta e embaixador de Moisés (Ex 4,14-15). O que importa é mostrar que Aarão era capaz de escutar e de obedecer à voz de YHWH. Nota-se que, à diferença de Moisés, Aarão não colocou qualquer obstáculo diante da ordem recebida de ir ao encontro de seu irmão no deserto, isto é, no caminho que leva ao Egito (Ex 4,27).

O episódio do reencontro de Aarão com Moisés tem em comum o dado geográfico: o monte de Deus serve para sublinhar que essa aproximação deveu-se ao Deus dos patriarcas, isto é, ao Deus dessa numerosa família. Pode-se pensar que se tratasse do monte Horeb, um lugar entre Madiã e o Egito (cf. CHILDS, 2003, p. 133), mas não há uma referência explícita e não se oferece tanta importância ao lugar com notícias adicionais.

Pela forma fraterna como se deu o encontro, pois é dito que Aarão beijou Moisés, não se pode excluir certa familiaridade entre os dois. No beijo resume-se a alegria de quem reencontra alguém que há muito não se via. Esta alegria, que resulta do encontro, não deveria ser entendida, a priori, como o motivo humano que impulsionou Aarão a se deslocar para encontrar Moisés, mas como o motivo que foi transformado pela iniciativa divina. A despedida de Moisés e de Jetro também apresentou muita familiaridade. O problema é que não há algum elemento que ateste uma convivência dos dois, antes de Moisés deixar o Egito, nem na segunda fase da vida de Moisés, enquanto viveu em Madiã. As informações são, também, parcas a esse respeito.

Não há notícias sobre a viagem dos dois irmãos para o Egito. Existe, sim, a pressa em narrar o encontro dos dois com as lideranças do povo e a acolhida bem sucedida, por certo graças ao que foi dito: “Aarão falou todas as palavras que YHWH falara a Moisés”; confirmado pelo que foi feito: “fez os sinais aos olhos do povo” (Ex 4,30). A atitude de fé tomada pelo povo, que reconhece a visita de YHWH a seu favor em meio à sua miséria (Ex 4,31), liga-se, diretamente, à notícia dada no início do livro sobre o clamor que os filhos de Israel elevaram a Deus (Ex 2,23-25).

Percebe-se, portanto, que as notícias contidas em Ex 4,27-31 estão bem integradas no conjunto e permitem que tenha início uma nova etapa da vida de Moisés, coadjuvado por seu irmão, a fim de que se concretize a sua vocação e missão. Moisés aprendeu que não estaria só no processo de libertação dos seus irmãos (cf. STANCARI, 1987, p. 37). Em outras palavras, que a vontade de YHWH se cumpra na vida de Moisés e, por ele, para todo o seu povo.

b) *Delimitação do texto*

Quanto ao texto precedente (Ex 4,24-26), houve uma mudança no protagonismo de YHWH, da ação para a fala; uma mudança de destinatário, de Séfora para Aarão; e uma mudança de lugar, pois se passa do “local do pernoite” para o local onde se encontrava Aarão; este teve que se mover do Egito, passando pelo deserto, até chegar ao monte de Deus. Estas mudanças são suficientes para se perceber que se está diante de um novo episódio.

Além disso, Séfora, que protagonizara ao lado de YHWH no texto precedente, está completamente ausente, bem como não há alguma referência ao filho circuncidado ou aos filhos de Moisés. Na verdade, eles desaparecem da cena e somente retornam no episódio que narra um novo reencontro de Moisés com a sua família, graças a Jetro em Ex 18,2-6. A atenção não está mais voltada para o risco de morte que foi afastado, mas para o reencontro de Aarão com Moisés, pelo qual trocam notícias a respeito das ordens de YHWH. O foco deixou de ser a família madianita de Moisés e voltou a ser a sua família israelita (cf. DOZEMAN, 2009, p. 156). De improviso, como quem tem grande pressa, Moisés e Aarão não estão mais no monte de Deus, mas já se encontram entre os anciãos e os filhos de Israel no Egito, salvo se Aarão não tivesse ido sozinho ao encontro de Moisés. Isto, porém, o texto não permite entrever ou suspeitar.

Quanto ao texto subsequente (Ex 5,1-5), verifica-se a mudança de local (palácio do Faraó?) e de novo destinatário: o Faraó. Moisés e Aarão não se encontram mais entre os anciãos e os filhos de Israel, mas começaram a colocar em prática as ordens de YHWH. Além disso, nota-se a mudança na forma comunicativa: se passa do discurso de Aarão aos anciãos e ao povo, ao anúncio e ao diálogo dos emissários de YHWH com o Faraó.

O conteúdo da primeira audiência com o Faraó causa surpresa ao ouvinte-leitor, pois não aparece como um pedido de libertação formal, como se esperava, mas é um pedido de índole cultural (Ex 3,18). De fato, a interpretação do Faraó é lógica, pois conceder esta folga nas atividades significava interromper o ritmo dos trabalhos dos filhos de Israel. Pode-se pensar, porém, que a ocasião cultural seria uma estratégia para a fuga ou seria a consequência lógica e resultado do gesto cultural, pois o povo, ao ouvir Aarão e ao ver os sinais que realizou, creu e reconheceu que se tratava de uma visita libertadora de YHWH (Ex 4,30-31). No fundo, porém, se o Faraó consentisse ao pedido, feito por Moisés e Aarão, estaria reconhecendo que YHWH, o Deus dos filhos de Israel, era maior do que ele e do que os deuses que representa. Nesse sentido, os filhos de Israel poderiam se considerar livres.

Tradução

4²⁷YHWH disse a Aarão: “Anda, rumo ao deserto, ao encontro de Moisés.” Andou e o encontrou no monte de Deus e o beijou. ²⁸Moisés narrou para Aarão todas as palavras de YHWH, com as quais o enviou, e todos os sinais que lhe ordenou. ²⁹Moisés andou com Aarão e reuniram todos os anciãos dos filhos de Israel. ³⁰Aarão falou todas as palavras que YHWH falara a Moisés; e fez os sinais aos olhos do povo.³¹ E o povo acreditou, pois ouviram que YHWH visitou os filhos de Israel e que viu a sua aflição; então, ajoelharam-se e se inclinaram.

Estrutura literária

a) Estrutura do texto e gênero literário

Cinco versículos narram o antes, o durante e o depois do encontro de Aarão com Moisés. Impelido por YHWH, Aarão vai ao encontro de Moisés, que, por sua vez, regressa ao Egito também impelido por YHWH. No encontro de Aarão com Moisés tem início o cumprimento das palavras de YHWH, pois começa a acontecer como dissera. O movimento dos personagens, presente nestes cinco versículos, pode ser visualizado segundo a disposição de uma estrutura concêntrica simples (A – B – C – C' – B' – A').

A: De YHWH a Aarão (v. 27a)

B: De Aarão a Moisés (v. 27b)

C: De Moisés a Aarão (v. 28)

C': De Moisés e Aarão aos anciãos dos filhos de Israel (v. 29)

B': De Aarão a todo o povo (v. 30)

A': De todo o povo, graças a Aarão, a YHWH (v. 31)

Uma referência explícita a YHWH, que dá uma ordem a Aarão, abre o texto e uma referência à atitude religiosa dos filhos de Israel, que reconhecem a ação providente de YHWH e lhe prestam reverência, fecha o texto. O início e o fim, então, estão marcados por gestos de obediência a YHWH dos que estavam no Egito: Aarão e o povo. O desenrolar da narrativa acontece por meio do movimento entre os sujeitos diretamente implicados. O que começa entre Aarão e Moisés, isto é, por duas pessoas impelidas por YHWH, termina como uma comunidade de fé que reverencia YHWH.

Ex 4,27-31 pode ser classificado como um texto que tem as suas raízes no gênero “vocação e missão” de um eleito, nesse caso de Aarão, que possui credibilidade junto aos destinatários. Aarão é chamado por YHWH para

realizar a sua missão ao lado da vocação e missão de Moisés (Ex 3,1–4,18). A distinção que existe no relato da vocação e missão de ambos é a extensão textual, pois Aarão não colocou obstáculos à ordem recebida. Visto que o enfoque recaiu sobre a pessoa e o papel de Moisés, a história da vocação e da missão de Aarão é apenas sumária (cf. COATS, 1999, p. 48).

b) *Estrutura da narrativa*

A trama narrativa tem início por meio de uma relação estabelecida entre a ordem dada por YHWH a Aarão e a sua pronta execução, pois Moisés já estava regressando ao Egito. Não existe alguma explicação por parte de YHWH, bem como não há alguma hesitação por parte de Aarão. Revela-se, porém, que YHWH, ao dar uma ordem a Aarão, se comunica com os que estão no Egito. A ação favorável de YHWH é o fio condutor de todo o episódio. YHWH é quem move Moisés e Aarão, provoca o encontro, a fim de que o seu plano de libertação seja executado conforme a revelação e orientações dadas no Horeb.

Quanto ao tempo, não existe alguma marca temporal no texto que possa situar o episódio. Este não diz respeito somente ao encontro de Aarão com Moisés (v. 27), mas também de ambos com os anciãos e com todo o povo (vv. 29-30). Admite-se que o encontro tenha ocorrido durante a viagem de regresso de Moisés para o Egito e que, para tanto, exigiu o tempo que Aarão levou para percorrer desde o seu ponto de partida (talvez três dias de marcha: Ex 5,3), até alcançar Moisés no monte de Deus. Houve o tempo da conversa, pela qual Moisés transmitiu as palavras e os sinais que recebeu de YHWH e que, junto com Aarão, deviam dizer e fazer diante do Faraó (v. 28). Ainda sem marcas temporais, Moisés e Aarão chegaram ao seu destino, o que exige tempo para que o percurso fosse concluído (outros três dias?), bem como o tempo para reunir os anciãos e o povo. O aspecto temporal mais importante do texto diz respeito à afirmação do povo: “YHWH visitou os filhos de Israel e viu a sua aflição” (v. 31), isto é, chegou o tempo oportuno para a libertação começar a acontecer.

Quanto ao lugar, há duas referências explícitas para Aarão em relação a Moisés: “na direção do deserto” é o espaço ou a distância geográfica que existe entre os dois irmãos; “no monte de Deus” é o ponto de encontro deles. Deve-se considerar, também, o Egito como ponto de partida e do chamado de Aarão e como ponto de chegada de Moisés, onde reuniram os anciãos. O Egito é o local da execução das ordens de YHWH. Estas três referências permitem ao ouvinte-leitor perceber que Aarão, indo ao encontro de Moisés, realizou uma espécie de êxodo, prefigurando a rota a ser tomada pelos filhos de Israel: do Egito, pelo deserto, ao monte de Deus. Neste local, os filhos de Israel, segundo o que Moisés dissera ao Faraó, deveriam sacrificar a YHWH (Ex 5,3).

Quanto às personagens, atuam neste episódio: YHWH, Aarão, Moisés, os anciãos e o povo. Nada é dito sobre a família de Moisés, isto é, a respeito de Séfora, dos filhos e do que fora circuncidado, mas este é um elemento que o ouvinte-leitor considera presente, embora, no livro, a família só reapareça novamente em Ex 18,2-6. Todas as personagens deste episódio podem ser classificadas como diretas, isto é, como sujeitos de ação: YHWH deu uma ordem a Aarão, que foi ao encontro de Moisés. Este, por sua vez, lhe relatou tudo o que recebera de YHWH; juntos se dirigiram aos anciãos e ao povo que reverenciaram YHWH, acolhendo a chegada de Moisés, com palavras e sinais, como manifestação da presença e da ação de YHWH. Certo protagonismo pode ser atribuído a Aarão que respondeu à ordem de YHWH e se dirigiu ao povo para comunicar o que YHWH dissera a Moisés. Neste sentido, começou a se realizar o papel que lhe havia sido atribuído pelo próprio YHWH: profeta de Moisés (Ex 4,13-17).

Quanto ao tema, a vontade salvífica de YHWH para o seu povo é o ponto central, figurado em primeiro plano nas palavras e sinais que Moisés, primeiramente, declarou para a Aarão, dando-lhe a conhecer o motivo do seu regresso ao Egito. Na iniciativa de ambos, que reuniram os anciãos e o povo para lhes transmitir as mesmas palavras e sinais, aconteceu a reação de fé e de obediência, pelas quais o povo afirmou que YHWH visitou o seu povo em sua miséria.

Os estágios da narrativa, *introdução, ação, complicação, clímax e desfecho*, são menos evidentes nesse episódio: “YHWH disse a Aarão” (*introdução*); “Anda, rumo ao deserto, ao encontro de Moisés. Andou e o encontrou no monte de Deus e o beijou” (*ação*); “Moisés narrou para Aarão todas as palavras de YHWH, com as quais o enviou, e todos os sinais que lhe ordenou” (*complicação*); “Moisés andou com Aarão e reuniram todos os anciãos dos filhos de Israel. Aarão falou todas as palavras que YHWH falara a Moisés; e fez os sinais aos olhos do povo” (*clímax*); “E o povo acreditou, pois ouviram que YHWH visitou os filhos de Israel e que viu a sua aflição; então, ajoelharam-se e se inclinaram” (*desfecho*). A intenção dessa narrativa é mostrar que as orientações e as promessas feitas por YHWH a Moisés, a respeito das suas inquietações, começaram a se concretizar.

Comentários

4²⁷ YHWH disse a Aarão: “Anda, rumo ao deserto, ao encontro de Moisés.” Andou e o encontrou no monte de Deus e o beijou.

Os verbos “andar” e “encontrar” marcam o ritmo desse versículo em dois pontos que se alternam entre a fala de YHWH, na ordem dada a Aarão, e a ordem executada por ele. Nesta, há uma terceira ação, “beijar”, que,

partindo exclusivamente de Aarão, enaltece ainda mais as duas ações precedentes, pois revela que Moisés não tinha um irmão indiferente, apesar da distância dos anos.

O verbo *pāgaš* (encontrou) foi usado pela segunda e última vez no livro do Êxodo, a fim de mostrar o sentido da relação que se buscou estabelecer entre os dois eventos; um negativo: encontro de YHWH com Moisés e sua família em um contexto de risco de morte (Ex 4,24); e um positivo: Aarão, movido pelo próprio YHWH, é quem vem ao encontro de Moisés.

Não se sabe o lugar de proveniência de Aarão, pois o narrador não fornece essa informação; pode-se pensar em Gessen (Gn 46,28-29; 47,27-28; Ex 8,18; 9,26)². Apenas se sabe que Aarão passou pelo deserto até chegar ao lugar preciso do encontro: o monte de Deus, que qualificou não apenas a experiência de Moisés e de Aarão, mas também de toda a sua tribo, razão pela qual ela foi escolhida para o serviço sacerdotal. Profecia e sacerdócio possuem o mesmo ponto de origem (NEPI, 2002, p. 133). Os dois irmãos caminham juntos para a sua meta que consolida o papel do legislador, do profeta e do sacerdote que deve ensinar, comentar e atualizar as leis em nome de YHWH (cf. RAVASI, 2007, p. 31).

Aarão, que não teve uma experiência teofânica como Moisés, recebeu uma ordem de YHWH, executada sem qualquer tipo de explicações e objeções. Por sua prontidão, Aarão passou a ser contado como partícipe da missão de Moisés, isto é, dos planos salvíficos de YHWH. Se, por um lado, não existiram explicações, por outro lado, houve uma razão suficiente e que possuía um nome próprio capaz de fazer Aarão deixar tudo: seu irmão Moisés. Surge uma dúvida: se foi tão fácil para Aarão encontrar Moisés, por que não existe algum relato de um encontro precedente desde a sua fuga do Egito? Ao que tudo indica, a intenção é mostrar que o reencontro dos irmãos é uma iniciativa divina, como a que acontecera com José e seus familiares. É um membro da família, que estando fora, desencadeia a experiência salvífica de todos os membros.

Se para Moisés regressar ao Egito, YHWH teve que usar de forte persuasão, o mesmo não ocorreu com Aarão, que fez o itinerário no sentido oposto ao de Moisés. O deserto não foi um obstáculo para Aarão, que entra em cena, pela primeira vez para o ouvinte-leitor, como alguém capaz de ouvir YHWH e de obedecer à sua ordem. Mais adiante, na narrativa do pecado do bezerro de ouro, Aarão, na ausência de Moisés e por medo do povo, demonstrou-se inapto para liderar e salvaguardar a fé do povo (Ex 32,1-6.21-24).

² Esta referência geográfica não se encontra atestada nos documentos egípcios e o nome pode ser de origem semita. Costuma-se identificar com a região oriental do delta do Nilo, voltada para a Palestina. Gn 47,11 contém um anacronismo, pois identifica Gessen com “a terra de Ramsés” para criar a ligação com Ex 1,11. Alguns estudiosos identificaram Gessen com o “fértil vale do wadi Tumilat, entre o Delta e a atual Ismaília” (DELL’ORTO, 2012, p. 60-61; BOUDART, 2013, p. 594).

Em comum está o local onde Aarão encontrou Moisés: o monte de Deus. Com esta especificação de lugar, dissipa-se qualquer possibilidade do ouvinte-leitor se equivocar quanto à relevância da revelação de Deus feita a Moisés e que, por ele, foi transmitida também ao seu irmão. No monte de Deus, as decisões libertadoras foram tomadas e para o monte de Deus o povo libertado deverá ser conduzido (Ex 3,11).

O que marcou o encontro foi algo fraterno e familiar: Aarão beijou Moisés. Um gesto normal e simples, íntimo entre duas pessoas que se querem bem, mas suficientemente oportuno para revelar o apreço de Aarão por seu irmão que não era visto há uns 40 anos. O beijo, contudo, além de ser a saudação habitual no antigo Israel, era, também, a forma de interação mais íntima entre dois seres que se comunicam e se reconhecem inseridos na mesma dinâmica de vida. É relevante o fato de que outro beijo, em todo o livro do Êxodo, tenha acontecido somente quando Moisés recebeu Jetro em sua tenda e exatamente no mesmo monte (Ex 18,5.7), gesto que ratificou e evocou a força do vínculo familiar (cf. FERNANDES; GRENZER, 2011, p. 134-135).

Este versículo concretiza, segundo a ordem inversa das objeções, o último auxílio que YHWH prometera a Moisés: Aarão, o levita, teu irmão... sairá ao teu encontro e, ao te ver, seu coração ficará alegre (Ex 4,14). YHWH, com essa fala, revelou a Moisés que ele tinha um irmão vivo e era conhecedor do que se passava no seu íntimo: o desejo de ver Moisés. Tem-se o exemplo de como os desejos humanos podem estar alinhados com os desígnios divinos, adquirindo um sentido mais sublime e com um nível mais intenso (cf. FRETHERM, 1991, p. 81).

O ouvinte-leitor somente tomará conhecimento sobre os pais de Aarão e Moisés em Ex 6,20, Amram e Jocabed, respectivamente sobrinho e tia. Essa união, tomada pelo rigor da lei, teria sido julgada como um incesto de acordo com Lv 18,12-13. Além disso, de acordo com Ex 2,1-2 seria possível pensar que Moisés fosse o primogênito, contrastando com Ex 7,7 (cf. SCHARBERT, 2001, p. 38). Ao colocar os dois irmãos, lado a lado, a partir desse encontro no monte de Deus, o ouvinte-leitor é preparado, inclusive, para a futura instituição do sacerdócio, da eleição da tribo de Levi para o serviço da tenda-santuário e de Aarão para ser o sumo sacerdote (cf. NEPI, 2002, p. 135).

4²⁸ Moisés narrou para Aarão todas as palavras de YHWH com as quais o enviou e todos os sinais que lhe ordenou.

A Peshita e o Targum completaram a frase com o verbo “fazer” no infinitivo. A ausência do complemento, no hebraico, não prejudica o sentido que advém da sequência verbal com o sufixo pronominal. Pelo contexto precedente, já se sabe que Moisés recebeu de YHWH a ordem de falar e realizar sinais diante do Faraó.

Os verbos “narrar”, “enviar” e “ordenar” marcam o intenso ritmo desse versículo. O conteúdo do que Moisés narrou para Aarão encontra o seu sentido nos outros dois verbos, pois YHWH não enviou Moisés de boca fechada, mas com palavras e ordenou que realizasse sinais, pelos quais suas mãos operariam prodígios. Para que se cumprisse a ordem de YHWH, Moisés tinha que narrar, isto equivaleu a falar e colocar nos lábios de Aarão as palavras de YHWH a serem transmitidas aos anciãos e ao povo, pelas quais se convenceria de que chegara o momento da libertação (Ex 4,15-16).

Moisés, em resposta ao beijo de Aarão, que indica abertura por parte do seu irmão, estabeleceu com ele um nível de comunicação experiencial. Apresentou as suas credenciais: narrou “todas as palavras” e mostrou “todos os sinais”. Aarão recebeu mais informações de Moisés do que as que foram dirigidas a Jetro, seu sogro. Moisés recebeu de YHWH um duplo encargo: portador de palavras e realizador de sinais. Esta foi, pela informação do narrador, a primeira fala de Moisés após ter deixado a casa de Jetro para regressar ao Egito, revelando que ele acolheu a sua vocação e missão.

Dentre todas as palavras, a principal foi a revelação do Nome com o qual o Deus de seu pai se deu a conhecer a Moisés (Ex 3,14); Nome que se tornou o forte critério pelo qual Moisés se apresentaria com autoridade junto aos filhos de Israel. Ao lado de “todas as palavras”, que revelaram o projeto libertador de YHWH para o seu povo, estão “todos os sinais”: o bastão que vira serpente e a mão no peito que fica leprosa. Estes sinais, por um lado, serviram para dar crédito às palavras pronunciadas por Moisés, mas, por outro, as palavras serviram para explicar o sentido dos sinais.

Assim, as palavras e os sinais, conexos entre si, confirmaram que Moisés recebeu uma vocação e uma missão que, em primeiro lugar, foram acolhidas por quem tinha autoridade em sua família: o seu irmão mais velho. Mediante a reação de Aarão, Moisés teve uma confirmação de que, de fato, devia regressar ao Egito para, junto com os anciãos dos filhos de Israel, transmitir ao Faraó a ordem de YHWH a favor do seu povo (Ex 3,10).

Aarão, que não teve a mesma experiência de Moisés, nela foi incluído, pois Moisés, dessa forma, apresentou a Aarão todo o conteúdo da sua experiência pessoal que proveio do mesmo Deus que o moveu para o seu monte. A fé de Moisés, que brotou da sua experiência, é comunicada a Aarão e se torna conteúdo comum de todos os filhos de Israel.

4²⁹ Moisés andou com Aarão e reuniram todos os anciãos dos filhos de Israel.

O Pentateuco Samaritano e a Peshita harmonizam o texto, colocando o verbo no plural: “andaram”. Estrutura semelhante ocorre em Dt 31,14 (verbo no singular + 1º sujeito + 2º sujeito + verbo no plural), que não sofreu correção

alguma nas versões. O segundo verbo no plural permite que o primeiro esteja no singular. O verbo “andar” é muito usado no livro do Êxodo, mas, no wayyiqtol 3ª pessoa do masculino plural, ocorre apenas duas vezes (Ex 12,28; 15,22). Das seis ocorrências no wayyiqtol 3ª pessoa do masculino singular, somente neste caso encontra-se o singular com dois sujeitos. Pode-se admitir que a primeira iniciativa da ação seja de Moisés e, a segunda se deu com Aarão, pois reuniram todos os anciãos.

Os verbos “andar” e “reunir” marcam o ritmo deste versículo. No andar condensa-se o resultado dos movimentos precedentes. Se houve alguma outra parada ao longo do caminho ou quanto tempo levaram para chegar ao Egito, não se sabe e, pelo visto, não foi importante registrar. Existe pressa, a fim de que a boa notícia seja dada aos que possuem poder de decisão para que todo o povo fique envolvido na mesma finalidade. A adesão de todos ao mesmo projeto favoreceria a sua execução. A distância cronológica, quarenta anos, ou a geográfica, de Madiã ao Egito, não foram impedimentos para reunir Aarão e Moisés, fazendo deles a primeira dupla de mensageiros de uma boa notícia na Bíblia. Seus primeiros destinatários foram os anciãos e, por estes, todo o povo. Assim, a experiência pessoal de Moisés foi transmitida a todos os filhos de Israel e a mensagem foi atualizada.

Nota-se que não foi Aarão quem andou com Moisés, mas foi o contrário. Sobressai a atitude humilde e “inferior” de Moisés que se deixou guiar por seu irmão, pois necessitou dele para que se concretizassem as instruções recebidas quanto à sua apresentação aos anciãos do seu povo. Sem Aarão, Moisés não conseguiria dar o passo inicial da missão a ser realizada no Egito. A reunião dos anciãos representou obter a atenção e a unidade dos que eram considerados os principais dentre o povo. A partir desse momento, não foram mais os anciãos a liderarem o povo, mas Moisés.

Este momento ocorreu, certamente, já na terra do Egito. Uma reunião dessa natureza é difícil que tenha acontecido em qualquer lugar e que não tenha havido, pelo menos, o envio de uma mensagem aos que deveriam ser reunidos. Do lugar e do tempo nada se fala, podem simplesmente ser supostos pelo ouvinte-leitor que entra no ritmo dos acontecimentos.

Moisés, graças ao seu irmão, foi colocado diante dos que tinham o poder de decisão sobre os demais membros do povo. Ex 3,16 é a primeira referência sobre os anciãos dos filhos de Israel. Por este versículo, descobre-se que reuni-los não foi algo difícil. Pode-se pensar que os membros desse grupo particular viviam próximos³ ou tinham o costume de se reunir para

³ O episódio das parteiras, que deixaram de cumprir as ordens do Faraó porque temeram YHWH, poderia ser visto como um indício de que os filhos de Israel habitaram próximos uns dos outros (cf. NOTH, 1977, p. 63). “O fato de que Moisés e Aarão não tiveram dificuldades em reuni-los indica que viviam em uma região, a terra de Gessen, e não eram escravos do Estado propriamente ditos,

deliberar algo em comum, principalmente o objetivo de manter o povo unido, sem o qual há muito tempo teria perecido pelas agruras da vida.

4³⁰ Aarão falou todas as palavras que YHWH falou a Moisés; e fez os sinais aos olhos do povo.

Os verbos “falar” e “fazer” marcam o ritmo deste versículo e complementam as ações que começaram nos versículos anteriores. Que tipo de lembrança os filhos de Israel teriam de Moisés? Por que deveriam confiar na sua presença e embaixada? Por que confiar em uma pessoa que o tempo quase apagou das suas mentes?

Aarão assumiu o protagonismo na reunião dos anciãos. Dessa forma, concretizou-se o que YHWH dissera a Moisés, de que Aarão falaria por ele como se fosse a sua própria boca (Ex 4,16), mas surpreende que ele faça os sinais que tinham sido confiados a Moisés (Ex 4,2-9.17). Pode-se admitir que o protagonismo de Aarão, quanto aos sinais, tenha sido introduzido depois (cf. NOTH, 1977, p. 63), mas, colocado na primeira ação, junto ao povo no Egito, ao lado de Moisés serve, perfeitamente, para criar, na narrativa, o contraste com o medo que levou Aarão a ceder à pressão dos filhos de Israel, quando fundiu o bezerro de ouro (Ex 32,1-6.21-24).

É fundamental admitir que Aarão tenha assimilado bem “todas as palavras que YHWH falou a Moisés”. Por isso, o narrador não necessitou repeti-las. O ouvinte-leitor delas deve se lembrar, pois dizem respeito ao interesse de YHWH por seu povo. Mais uma vez deve-se supor que Aarão transmitiu com fidelidade e integridade o seu conteúdo. Não ficou de fora detalhe algum. Do contrário, o narrador teria oferecido as informações ulteriores. Na verdade, desejava-se mostrar que não existiram obstáculos.

O interesse de YHWH pelo seu povo, porém, manifesta-se através de um mediador: Moisés que, definitivamente, assumiu a sua missão (cf. FRETHEIM, 1991, p. 82). Aceitar “todas as palavras de YHWH” exige que se aceite este mediador e seu porta-voz, isto é, o seu profeta: Aarão. Isso tinha que ficar bem claro para os anciãos e todo o povo, para que as tratativas fossem levadas ao Faraó com a aprovação de todos.

A fim de que as palavras não fossem apenas palavras ou o desvario de dois irmãos que há muito tempo não se encontravam, sinais foram realizados para que as palavras fossem confirmadas diante de todos e não existissem dúvidas quanto ao sentido delas e quanto as suas consequências. O ouvinte-leitor já sabe que o Faraó não se comoverá nem com as palavras

mas camponeses que realizavam tarefas forçadas para o Estado sem abandonar seus campos” (PIXLEY, 1987, p. 51). Este parecer pode ser relevante, levando em consideração os contra-argumentos do Faraó (Ex 5,2.4-5), pelos quais se deduziria que o tipo de trabalho escravo que os filhos de Israel realizaram servia para alimentar a máquina do Estado (cf. ZENGER, 1989, p. 86-90).

nem com os sinais, mas o povo ainda não tem esse conhecimento (Ex 3,19-20). Entretanto, sem os sinais, o povo não teria aderido ao projeto libertador contido nas palavras de YHWH dadas a Moisés e transmitidas por Aarão. Se, por um lado, estas palavras eram ousadas demais, por outro lado, elas foram esperadas com muita ânsia, pois eram a resposta aos sofrimentos e dores que se tornaram o clamor e os gemidos que os filhos de Israel fizeram subir até o seu Deus, que se lembrou da aliança feita com Abraão, Isaac e Jacó (Ex 2,23-24).

O versículo não apresentou algum tipo de discussão ou debate sobre a matéria que foi exposta por Aarão. Usar de imaginação faz parte do processo comunicativo contido em uma narração. O ouvinte-leitor não trairia o texto se lançasse mão desse recurso para entrever todo tipo de agitação que palavras ousadas e sinais pavorosos teriam causado na assembleia que reuniu os anciãos e o povo. Renasceu a esperança de um futuro livre.

4 ³¹E o povo acreditou, pois ouviram que YHWH visitou os filhos de Israel e que viu a sua aflição; então, ajoelharam-se e se inclinaram.

A fim de manter coerência, o Pentateuco Samaritano e a Peshita começaram a frase com o verbo no plural (“acreditaram”), pois consideraram “povo” um coletivo, visto que o segundo verbo encontra-se no plural. Este, porém, pode se referir não somente ao povo, mas também estaria incluindo os anciãos, bem como o próprio Moisés e Aarão.

A LXX não traz “ouviram”, mas “se alegraram”. Uma mudança estranha, pois a única ocorrência do verbo *šāma*, no livro do Êxodo, encontra-se em Ex 4,14 e está no singular. As demais versões, porém, apóiam o TM que é mais coerente com o contexto.

A forma verbal no hishtafel do verbo *wayyišta āwwû* (“inclinaram”), trazendo um duplo *waw* final com dagheš, é comum no códice de Leningrado (Gn 27,29; 43,28; Ex 12,27), pois é um modo de compensar a elipse do *he* final, mas os manuscritos hebraicos editados, com a evolução da língua, buscam corrigir e o *waw* da raiz passou a ser escrito sem o dagheš.

Os verbos “acreditar”, “ouvir”, “visitar”, “ver”, “ajoelhar-se” e “inclinarse” marcam o ritmo do último versículo desse episódio, cujo protagonismo recai sobre todo o povo que reconheceu a presença e a ação favorável de YHWH. É um primeiro êxito da vocação e missão de Moisés e de seu irmão Aarão junto às lideranças do povo.

O verbo “acreditar”, porém, possui uma importância fundamental, pois ocorreu seis vezes neste capítulo (Ex 4,1.5.8^{2x}.9.31). Depois deste ato de fé, o povo só voltaria a crer após atravessar o Mar dos Juncos, constatando o extermínio do seu inimigo pelas águas (Ex 14,31). Estes dois atos de fé propiciam a ligação entre a visitação de YHWH, a sua passagem pelo Egito (páscoa), e a travessia dos filhos de Israel pelo Mar dos Juncos.

O verbo “ouvir”, ao lado do “acreditar”, é igualmente relevante. YHWH não só ouviu o clamor dos filhos de Israel (Ex 2,24; 3,7), mas assegurou a Moisés que ele seria ouvido pelos anciãos (Ex 3,18), e caso não fosse ouvido, como cogitou Moisés, o bastão, transformado em serpente, e a mão no peito, que fica leprosa, seriam os dois sinais que fariam os filhos de Israel acreditar na sua vocação e envio (Ex 4,1.8). Para que Moisés não retomasse a questão, e se porventura o povo não ouvisse, YHWH acrescentou mais um sinal: a água do rio que se transformaria em sangue (Ex 4,9).

A finalidade do regresso de Moisés, da viagem de Aarão, que foi ao seu encontro, do que Moisés, em primeira mão referiu a Aarão, e que, por este, chegou aos ouvidos de todos, alcançou um primeiro êxito. A adesão do povo foi uma resposta positiva, pois o ato de crer correspondeu à veracidade do que foi transmitido, ouvido e visto por todos. Pode-se dizer, porém, que foi bem além, pois o episódio termina com um ato religioso que, de algum modo, reenvia o ouvinte-leitor à exigência que YHWH fez a Moisés no monte Horeb e à atitude frente ao que ouvira dos lábios do próprio Deus (Ex 3,5-6).

A adesão do povo, isto é, o seu ato de crer representou, com certeza, uma forte confirmação para Moisés que tanto hesitara diante da vocação e da missão que YHWH lhe atribuiu. Não se deve esquecer que a dúvida de Moisés não se realizou, pois os filhos de Israel não quiseram saber o nome da divindade que o enviou (Ex 3,13-15), ou, nas palavras transmitidas por Aarão, essa revelação foi o que, de fato, fundamentou a adesão do povo. Este nome acarretou a certeza de que eles não foram abandonados pelo Deus dos patriarcas (cf. KESSLER, 2013, p. 351). Se houve essa questão, não se sabe. O texto omite.

O silêncio sobre tal questão, por certo, não representou falta de importância, mas demonstrou que os destinatários da mensagem, além de não terem deixado de cultivar a sua religiosidade, foram capazes de aderir a YHWH. Pela tradição bíblica do antigo Israel, com o regresso de Moisés ao Egito tem início o cumprimento da profecia proferida por José (Gn 50,24), das palavras de YHWH que dirimiram o medo de Jacó ir para o Egito (Gn 46,1-4) e da revelação que fizera a Abraão sobre a estadia dos seus descendentes numa terra de opressão (Gn 15,13-14)⁴. A lógica da narrativa, entre o ciclo de Jacó e o êxodo, fica assegurada.

Nota-se que o versículo não faz alguma referência aos anciãos; estão presentes, mas inseridos debaixo da categoria “povo”, que expressa não só a

⁴ Essa ligação, por certo, é fruto da elaboração e do processo pelo qual passaram as tradições patriarcais e as tradições do êxodo do Egito, até que se alcançasse a forma final e canônica dos cinco primeiros livros da Bíblia. Nestes, as tradições foram unificadas, incluindo corpos legislativos, segundo uma trama narrativa que vai da criação do mundo até a chegada dos filhos de Israel, com Moisés, às portas de Canaã (cf. DE PURY, 2002, p. 206-216).

dimensão coletiva, mas denota uma entidade coesa unida pelas palavras de YHWH, que foram ouvidas, e pelos sinais, que foram vistos. Não há, igualmente, referência a reações de Moisés e Aarão frente à resposta, imprevisível para eles, mas previsível para YHWH.

As duas últimas ações do episódio, “ajoelharam-se e inclinaram” correspondem à adesão que foi dada às palavras anunciadas e aos sinais operados. De certa forma, essa primeira resposta positiva do povo contrasta com o falimento que Moisés havia tido quando decidiu sair para ver seus irmãos e, por causa deles, teve que fugir da presença do Faraó (Ex 2,11-15). A aflição cedeu espaço, nesse momento, à grandeza da adoração que somente se repetirá, na narrativa, em Ex 12,27. Estes dois gestos (“ajoelharam-se e inclinaram”) representam a disposição e o consentimento para que aconteça exatamente como anunciado, isto é, como YHWH determinou (cf. FRETHEIM, 1991, p. 82). Afinal, os irmãos de Moisés teriam mudado? O que Aarão falou e fez foi suficiente para reabilitar Moisés junto ao seu povo? O pessimismo de Moisés parece não ter fundamento. Os fatos que se seguirão no curso da história do êxodo e do período de permanência no deserto testemunharão que Moisés, em parte, tinha as suas válidas razões para não aceitar a missão libertadora.

Considerações finais e atualização pastoral

O relato da vocação de Aarão e do seu encontro com Moisés “no monte de Deus” prefigurou, como visto, o êxodo e a chegada de todos os libertos ao Horeb/Sinai. Neste local, aconteceu o feliz reencontro dos dois irmãos que se beijaram, isto é, prontamente comunicaram um ao outro os próprios sentimentos, projetos e desejos de libertação. Muitas coisas ainda hão de acontecer, dentre as quais, a qualificação de Moisés, no monte Sinai, como intérprete das palavras de YHWH, isto é, como profeta para todo o povo (Ex 20,20). Ao lado disso, serviu para lançar as bases para a instituição de Aarão como sumo sacerdote e de seus filhos como sacerdotes reservados para o serviço cultural (Ex 29,1-9; 40,12-15).

A reunião dos dois irmãos aconteceu por vontade divina e apareceu como elemento fundamental para dar início ao processo de libertação dos filhos de Israel. Aarão sem Moisés estaria fadado a concluir os seus dias no Egito. Moisés, sem Aarão, estaria fadado a concluir os seus dias em Madiã. Cada um seguindo a sua estrada no contexto da própria existência. Se havia lembrança, tanto em um como no outro, era a memória da família e da pertença de Moisés a um povo que, em última análise, continuava a vida em regime de escravidão, mas que tinha demonstrado, tempos atrás, de que não necessitava dele, quando, ao constatar a sua situação, procurou estabelecer a justiça. Tudo isso, porém, exigiu um distanciamento temporal

e geográfico para que o ímpeto libertador de Moisés fosse restaurado no seu íntimo pelo Deus de seu pai, isto é, pelo Deus de uma estirpe que, segundo a narrativa bíblica, deriva dos patriarcas. Aarão que vai ao encontro do irmão significa, também, a reconciliação do seu povo com Moisés.

O grupo social é um organismo vivo que não só procura se adaptar às diferentes situações e circunstâncias para sobreviver, mas é também um agente político que deve aprovar ou reprová-los os planos individuais que podem se tornar subversivos aos olhos dos que detêm o poder. Os riscos de falimento não ficam excluídos, mesmo quando há consenso, mas, com isso, a responsabilidade passa a todo o grupo.

A libertação, desejada pelo povo diante da situação opressora e manifestadamente respondida por Deus, é um processo que nasceu de um grito por salvação, isto é, da tomada de consciência de que a vida estava ameaçada. Diante disso, o Deus da vida não deixa de ouvir o grito, não fica indiferente e, prontamente, surge para restabelecer a justiça, não na medida do ser humano, mas na medida do seu projeto salvífico.

A tarefa da libertação aparece, então, como um empreendimento partilhado, mas denota que os anseios humanos não são suficientes para alcançar o sucesso desejado. É preciso que esse desejo receba o *nihil obstat* tanto da liderança como do povo, no qual todos se dispõem a reconhecer a presença e a ação de Deus que, em última instância, é quem dá o *imprimatur* para a obra de libertação.

É fundamental evidenciar a ordem de YHWH e a obediência de Aarão. Quando o ser humano não coloca obstáculos, parece que os objetivos não são difíceis de serem alcançados. Não deixarão de ser, porém, empenhativos! Aarão partiu, chegou ao seu destino e encontrou o irmão que há muito tempo andava “perdido”. Parece que se está diante da história do filho pródigo ao contrário, na qual o irmão mais velho é quem vai ao encontro do irmão mais novo para reatar os laços não só consigo, mas com toda a família. YHWH é o pai que favorece o reencontro e a reconciliação que colocam em movimento o êxodo. Assim, transparece que o primeiro passo no processo de libertação do povo requer a reconciliação das lideranças, pela qual todos se dão as mãos em prol do bem-comum.

Referências

ALONSO SCHÖKEL, L. *Salvezza e Liberazione: l'Esodo*. Bologna: EDB, 1997.

BOCIAN, M. *Dizionario dei personaggi biblici*. Casale Monferato: Piemme, 1991.

BOUDART, A. Gosen. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Publicado sob a direção do Centro: “Informática e Bíblia” Abadia de Maredsous. São Paulo: Paulus/Paulinas/Loyola/Academia Cristã, 2013.

- CHILDS, B. S. *El Libro del Éxodo. Comentario crítico y teológico*. Estella: Verbo Divino, 2003.
- COATS, G. W. *Exodus 1–18* [vol. II A]. Michigan/Cambridge: Grand Rapids, 1999.
- DE PURY, A (Org.). *O Pentateuco em Questão. As origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DELL'ORTO, G. Il paese di Gošen. In: *Il libro dell'Esodo* (A cura di Pier Luigi Ferrari). Padova: Edizioni Messaggero, 2012.
- DOZEMAN, T. B. *Commentary on Exodus*. Michigan: Grand Rapids, 2009.
- FERNANDES, L. A. / GRENZER, M. *Êxodo 15,22–18,27*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FRETHEIM, T. E. *Exodus*. Louisville: John Knox Press, 1991.
- KESSLER, R. Vocación para la libertad: el caso Moisés. In: *Pistis & Praxis*, v. 5, n. 2, p. 345-363, 2002.
- MAZZINGHI, L. Madian. In: *Il libro dell'Esodo* (A cura di Pier Luigi Ferrari). Padova: Edizioni Messaggero, 2012.
- NEPI, A. *Esodo [capitoli 1–15]. Introduzione e commento*. Padova: Messaggero, 2002.
- NOTH, M. *Esodo*. Brescia: Paideia, 1977.
- PIXLEY, G. V. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- RAVASI, G. *Esodo*. Brescia: Queriniana, 2007.
- STANCARI, P. *Leitura Espiritual do Êxodo*. São Paulo: Loyola, 1987.
- ZENGER, E. *O Deus da Bíblia. Estudo sobre os inícios da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1989.

Leonardo Agostini Fernandes. Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), diretor e professor de Sagrada Escritura na Pontifícia Universidade Católica do Rio, sócio da ABI, da ABIB, da SOTER, e membro do grupo de Pesquisa da CNPq – As Dimensões Proféticas da Religião do Antigo Israel – DIPRAI, Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

e-mail: laf2007@puc-rio.br